

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Recebido em: 05/01/2023

Publicado em: 28/03/2023

TRANSMISSÃO PSÍQUICA E APROPRIAÇÃO DA HERANÇA: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Vinícius Romagnoli Rodrigues Gomes¹ <https://orcid.org/0000-0002-1119-6817>

RESUMO. Este trabalho tem como objetivo compreender a transmissão psíquica entre gerações em meio ao cenário social e cultural contemporâneo, caracterizado como um tempo de aceleração e excesso de estímulos onde o mais importante é a fruição do momento presente, o que leva a um desinteresse pelo passado e pela história. Diante desse estado das coisas, assistimos a dificuldades na capacidade de historicizar, o que afeta o processo de transmissão psíquica e dificulta a construção de uma narrativa que dê sustentação simbólica para os sujeitos empreenderem sua jornada. Para a psicanálise, nos constituímos na dimensão intersubjetiva que nos situa como herdeiros de disposições psíquicas transmitidas pela cultura e pelos nossos pais. Temos como hipótese que o cenário contemporâneo leva a uma transformação da transmissão psíquica, cujos efeitos podem ser percebidos na falha da experiência compartilhada, declínio das narrativas e erosão da função simbólica que estaria configurando uma geração do esquecimento.

Palavras-chave: Transmissão Psíquica. Herança Psíquica. Simbolização.

PSYCHIC TRANSMISSION AND APPROPRIATION OF INHERITANCE: A PSYCHOANALYTICAL VIEW

ABSTRACT. This work aims to understand the psychic transmission between generations, in the midst of the contemporary social and cultural scenario, characterized as a time of acceleration and excess of stimuli where the most important thing is the enjoyment of the present moment, which leads to a lack of interest in the past and history. Given this state of affairs, we witness difficulties in the ability to historicize, which affects

¹ Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM); viniciusrrgomes@gmail.com

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

the process of psychic transmission and makes it difficult to build a narrative that provides symbolic support for the subjects to undertake their journey. For psychoanalysis, we constitute ourselves in the intersubjective dimension that places us as heirs of psychic dispositions transmitted by culture and by our parents. We hypothesize that the contemporary scenario leads to a transformation of psychic transmission, whose effects can be seen in the failure of shared experience, decline of narratives and erosion of the symbolic function that would be configuring a generation of oblivion.

Keywords: Psychic Transmission. Psychic Inheritance. Symbolization.

Introdução

O tema da transmissão psíquica é contemporâneo ao nascimento da Psicanálise, podendo ser notado desde a abordagem feita por Freud a respeito da tragédia de Édipo, cujas questões são transmitidas a partir da geração de seu avô. O discurso de Édipo é exemplar para se pensar o tema da transmissão, pois se articula a uma comunidade infinda de homens, deuses e semideuses, cujas origens remontam à criação do mundo. A questão da transmissão toca na inscrição do sujeito em uma cadeia da qual é elo, herdeiro forçado, beneficiário e também criador. Nesse sentido, distingue-se, desde os primórdios da Psicanálise, o indício da relevância do outro em nossa constituição e formação de nosso psiquismo (Hartmann & Schestatsky, 2011).

Mas qual seria, então, o interesse da Psicanálise pelo tema da transmissão? Primeiramente, vejamos uma definição de transmissão psíquica:

(...) transmitir é fazer passar um objeto, pensamento, uma história, afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para o outro, de uma geração para a outra. Isso implica que o que é transmitido abandone um pelo outro, que haja uma distância e um laço entre o transmissor e o receptor, acolhimento e apropriação

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

pelo adquirente, até mesmo herdeiro, mas também, eventualmente, modificação daquilo que é transmitido, em função dos intermediários capazes de intervir nesta transmissão. (Granjon, 2000, p. 24)

Face ao exposto, notamos que a transmissão é um trabalho psíquico que diz respeito tanto ao sujeito singular quanto ao grupo, sendo que seus processos implicam ligações de diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos intermediados pelo grupo, a favorecer transformações e uma diferenciação entre o transmitido e o adquirido. É esse movimento que permite a cada geração situar-se em relação à anterior, constituindo sua própria história e subjetividade (Hartmann & Schestatsky, 2011).

Kaës (2005) destaca que o sujeito do inconsciente está ligado a um campo intersubjetivo de sujeitos, sendo herdeiro de desejos que o antecedem em sua existência e organizam seu próprio desejo. O sujeito não se constitui somente a partir de experiências ocorridas ao longo de sua própria vida, já que existem limites imprecisos entre passado, presente e futuro. A noção de intersubjetividade está associada ao conceito de transmissão surgido pela coprodução vincular de dois ou mais sujeitos de diferentes gerações (Gomel, 2018).

Destarte, as formações do inconsciente são transmitidas pelas gerações. Somos sujeitos do grupo e somos falados antes de nos tornarmos falantes. A esse pré-investimento que recebemos dos pais antes mesmo de nascer, Aulagnier chamou de “contrato narcísico”, cuja condição é: enquanto a criança precisa do reconhecimento do grupo ao qual pertence, o grupo demanda dela a preservação de seus valores e leis (Inglez-Mazzarella, 2006).

Uma geração não existe sem a anterior; a geração presente é responsável por criar a geração seguinte, de modo a perpetuar a vida para além de sua finitude. A criança que

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

chega ao mundo é herdeira do investimento narcísico de seus pais e antepassados; é aquela que dará continuidade ao grupo familiar. Eis o preço pago pela existência: constituir-se enquanto sujeito do inconsciente e do grupo, recebendo um lugar e uma carga. Mas o que recebemos? O que nos é transmitido?

Transmite-se basicamente a pré-história do sujeito, em sua dimensão positiva: ideais, identificações, mecanismos de defesa, pensamentos e valores. Estes sustentam a continuidade narcísica e objetual, de forma a manter os vínculos intersubjetivos; e também em sua dimensão do negativo, daquilo que não pode ser contido e lembrado, que não se inscreve na psique dos pais, mas é depositado na mente da criança como falta, doença, crime ou objetos desaparecidos sem traço ou memória para os quais o trabalho de luto não se realizou (Hartmann & Schestatsky, 2011).

A transmissão da herança pode se dar, portanto, em termos de continuidade, mas também de ruptura. É nesse sentido que o geracional é estruturante do psiquismo. Entretanto, o trabalho de transmissão também pode falhar, levando à alienação. Nessa lógica, o transmitido atravessa gerações e se impõe abruptamente aos descendentes.

A vida psíquica encontra-se no impulso para transmitir algo, seja o afeto, sejam os mecanismos de defesa, os sintomas ou os traumas; tudo isso transmitido pela vida verbal ou não verbal, consciente ou inconsciente. A transmissão não é passiva, vez que existem remanejamentos constantes em torno dela. Quando a transmissão possibilita a apropriação, ficamos diante da “conquista da herança” e da transformação desta em algo próprio, mas quando isso não acontece, nós nos encontramos frente a uma herança que aliena (Granjon, 2000).

Neste ponto, observamos duas modalidades de transmissão psíquica: a “intergeracional” e a “transgeracional”. Na “transmissão intergeracional”, a passagem de

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

uma geração a outra é acompanhada da modificação do transmitido, pois as transformações e ligações são possíveis para a descendência. Logo, essa geração fica situada em relação às precedentes, inscrita numa genealogia e podendo se apropriar da herança. Tal apropriação diz respeito ao quanto o sujeito é capaz de digerir o transmitido e ultrapassar o destino traçado pelo narcisismo parental (Inglez-Mazzarella, 2006).

Já na “transmissão psíquica transgeracional”, aquilo que é transmitido não pode beneficiar modificações, porque a herança não pode ser adquirida. Aqui não há contato direto entre os sujeitos na transmissão, ou seja, acontece no sentido descendente das gerações passadas às gerações presentes, a se configurar como um material não simbolizado, que diz respeito a segredos, a não ditos e interditos que só podem ser reconstruídos a posteriori (Granjon, 2000).

Narrativa e psicanálise: simbolizar e se apropriar da história

A transmissão psíquica geracional é um processo que coloca em movimento aquilo que se repete e que não foi simbolizado, mas também abre perspectivas para a diferença, uma vez que o sujeito é capaz de transformar a herança recebida em algo singular. A imagem de um mosaico ilustra bem a transmissão, pois cada traço e elemento auxilia na composição da obra, ainda que partindo de um dado anterior. Além disso, o mosaico nos direciona a um trabalho que aposta na alteridade das gerações e na modificação daquilo que nelas foi depositado (Pereira & Freitas, 2020). Freud deu pistas disso na “Carta 52”, ao afirmar que o material presente em forma de traços de memória poderia sofrer um rearranjo e uma re-transcrição de acordo com novas circunstâncias.

É na transferência do tratamento que há essa abertura para que aquilo que se repete possa ser modificado. As experiências que não podem ser lembradas, mas ainda se

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

repetem, podem ser revividas na transferência e simbolizadas para deixar de se repetir.

De acordo com Pereira e Freitas (2020, p. 109):

Trazer consigo parte da história dos antepassados e arranjos familiares faz-se imprescindível, pois é a partir disso que serão extraídos os processos identificatórios capazes de nos constituir como sujeito. No entanto, tanto a transmissão quanto a repetição, sendo elas não-todas, colocam em jogo a modificação e transformação como possibilidades de *reajustar a herança psíquica em algo próprio*. (grifo do autor)

Conhecer o tema da transmissão psíquica geracional é um dispositivo clínico fundamental para o manejo e condução clínica dos casos (Pereira & Freitas, 2020). A análise visa a elaboração do traumático não elaborado, silenciado e não representado das gerações anteriores, e pode realizar uma tramitação criativa desse conteúdo, auxiliando no trânsito de heranças transgeracionais em heranças intergeracionais (Trachtenberg, 2017).

O trabalho analítico na perspectiva da transmissão geracional visa reconectar os sintomas a elos transgeracionais perdidos no tempo, isto é, não historicizados. Em muitos casos, não se trata de um encontro com a verdade factual e histórica, mas com a construção de uma história mítica que conecte elos genealógicos. A capacidade simbólica possibilita ao humano sair da posição de resignação e passividade; logo, é necessário dizer algo, mesmo que isso nunca seja dizer tudo. O trabalho analítico vai em direção ao favorecimento da fabricação de um mito relacionado às origens em favor do pensamento a seu respeito, visando obter referenciais simbólicos de uma subjetivação (Inglez-Mazzarella, 2006).

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

O conhecimento da transmissão faz dela um recurso a mais na escuta analítica, afinal, só se descobre aquilo que se busca. Desta maneira, a clínica psicanalítica, em seus moldes, nos proporciona a possibilidade de criar, sendo o motor da reflexão e da construção teórica em psicanálise. O analista está sempre diante do imprevisível. A diferença entre gerações é um eixo fundamental da constituição subjetiva e sua escuta possibilita ao trabalho analítico uma intervenção na apropriação da herança pelo paciente, permitindo um fim na errância do legado de gerações precedentes (Inglez-Mazzarella, 2006).

Inglez-Mazzarella (2006) aponta como o estudo da transmissão psíquica entre gerações possibilita a articulação da intersubjetividade à constituição psíquica, questionando a distinção total entre o “eu” e o “outro”. Também permite articular narcisismo e Édipo, história e pré-história. Por certo que a atuação do analista deve ser diferente em cada um desses casos, entretanto, todos passam pela construção junto à família da história que pode ter dado origem ao problema atual, quer seja algo faltante que deixa lacuna. Precisamos da família e do dispositivo vincular para acessar aquilo que não está reprimido e não foi representado, ou seja, aquilo que não volta na forma de sintoma. Ademais, o trabalho clínico visa deter a atuação com o pensamento e a construção de um campo onde se possa integrar representação e afeto (Gomel, 2018).

Enquanto analistas, precisamos afinar nossa escuta a fim de que assim possamos escutar verdadeiramente aquilo que ouvimos em termos fragmentados de uma narrativa, com vistas a nomear o “impossível de dizer” e auxiliar o paciente na apropriação da herança, construindo uma história própria e se inscrevendo numa genealogia de forma a acolher a origem e, concomitantemente, atribuir um sentido à existência. Diante dos elementos ocultos da história familiar, a análise tem o desafio de construir uma narrativa

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

capaz de integrá-los de modo a possibilitar ao paciente uma posição frente a sua ascendência e um senso de pertença e existência singular (Inglez-Mazzarella, 2006).

Temos, por certo, que este trabalho esbarra no impossível e se faz importante à medida que estabelece limites dentro dos quais podemos existir e nos diferenciar. Em suma, o trabalho de análise aponta para a confecção de uma história por meio da qual se integre a biografia do sujeito, levando-o à constatação daquilo que se torna impossível conhecer, afinal, a representação tem limites, como Freud se deu conta em seu trabalho clínico. A posição subjetiva de quem se dá conta da impossibilidade de ir além é diferente daquela que supõe a impotência de ir além, uma vez que ao nomear o impossível, há uma inscrição da possibilidade do saber e um reconhecimento dos limites do representável (Inglez-Mazzarella, 2006).

A negatividade da transmissão é escutada na clínica como um eco de ruídos daquilo que extrapola a vida do paciente, o que implica ao próprio analista estar em dia com a escuta de si e de seus silenciamentos e segredos. Aqui se faz fundamental espaços arejados de supervisão clínica que possibilitem a capacidade de representar e pensar o impensável. O analista precisa acolher ao sem sentido, a violência do traumático que irrompe na clínica e que exige intervenções para além das interpretações. Nesta clínica, o analista é convocado a olhar para seus lutos em suspensão, segredos inconfessáveis e silêncios transgeracionais, com vistas a levar adiante o ofício impossível de psicanalisar (Inglez-Mazzarella, 2006).

A escuta de tal transmissão permite intervenções em direção a um reconhecimento por parte do paciente, de sua alienação frente ao herdado. Buscar o recalado ou o indizível no não-dito é pôr fim às redes mortíferas de repetição, ou nos dizeres de Inglez-

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Mazzarella (2006), temporalizar o trauma que leva à perpetuação de um eterno presente de sofrimento, que atravessa gerações e deixa marcas na descendência.

Freud (1916/2015) concebeu um “tempo que passa”, finito e que marca a caducidade de objetos e da própria vida, mas postulou que ao se tratar do inconsciente, estamos diante de um outro tempo, um tempo que não passa e que embaralha temporalidades. Mas há também outra relação entre passado e presente na qual impera a imobilidade e o “eterno retorno do mesmo”, a tornar o passado um destino: é quando nos deparamos com um funcionamento pulsional puro, sem possibilidade de representação, de luto ou transformação. Eis o “tempo que não passa”, próprio do trauma (Alonso, 2011).

Temporalizar o trauma é possibilitar fazer outra coisa que não o repetir *ad infinitum*. A escuta do intergeracional e transgeracional permite restituir ao paciente aquilo que lhe pertence, como também discriminar aquilo que ele carrega indevidamente como um excesso. A psicanálise oferece a possibilidade de acesso à história ancestral e à compreensão de seus elos, continuidades e rupturas. Nesse sentido, o analista:

(...) oferece continente para a simbolização daquilo que ficou falhado no tecido da trama psíquica familiar. A produção de novas narrativas é estimulada pela presença de outros familiares implicados, gerando um sentido compartilhado para o legado familiar. E, mais que um sentido, surge a possibilidade de revalorização da herança, e o conseqüente enriquecimento de cada sujeito envolvido. (Féres-Carneiro & Magalhães, 2005, p. 31)

É certo que não nos é facultativo escolher ou mudar nossa origem, embora ainda assim nos moldamos a partir dela, mesmo sem possuir acesso direto a ela. A origem chega até nós a partir de fragmentos reconstruídos em relatos a posteriori, que nos impõe um trabalho de historicização permanente. Tal questão infinda coloca o sujeito diante da

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

tarefa de criar sentidos para se aproximar daquilo que lhe escapa. Posto isso, a narrativa se apresenta como uma tentativa de encontrar um fio que organize e inscreva o vivido. As palavras narradas possibilitam a passagem do acontecimento à experiência. Historicizar a vida é fundamental para a continuidade dela. Entre o nascimento e a morte, temos a aventura da construção de uma história na qual a experiência é viabilizada enquanto apropriação do vivido (Inglez-Mazzarella, 2021).

Benjamin considera a origem (*Ursprung*) uma composição feita de saltos e recortes, ou seja, diferente da ideia cronológica e mais próxima de uma temporalidade freudiana não linear, já apresentada neste trabalho. Essa noção de origem entrelaça a repetição e a inovação na medida em que há a possibilidade de construção de uma narrativa que possibilite não só o encontro com o passado, mas também sua transformação em presente, permitindo a transformação deste. Assim, a origem remete não só a ideia de restauração, como também de incompletude. Daí a proposta de Benjamin de uma restauração que reconheça a retomada do passado como abertura para o futuro (Inglez-Mazzarella, 2021).

Tomar a rememoração do passado como um requisito para a transformação do presente aproxima a leitura benjaminiana da psicanálise, que por sua vez pensa a constituição do sujeito em termos de tensão entre o que está dado (aquilo que é atribuído) e o escolhido (modo como o sujeito lida com o que lhe é dado). Mas como podemos construir uma narrativa que seja historicizante?

Como apontamos, narrar é a faculdade de intercambiar experiências (Benjamin, 1936/1994). Para a psicanálise, a historicização depende da apropriação da experiência, isto é, tudo aquilo que passa pela atribuição de sentido ao vivido. Essa nomeação do vivido faz com que os objetos sejam percebidos para além do instantâneo, de forma a

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

permitir aos sujeitos que ultrapassem a dimensão da vivência aprisionada no imediato, possibilitando o acesso à dimensão simbólica. O imediato do tempo presente não pode ser apreendido como experiência subjetiva, vez que é a dimensão simbólica aquilo que possibilita ao sujeito transcender o empírico imediato e sensível (Inglez-Mazzarella, 2021).

Apontamos neste trabalho como o cenário contemporâneo, marcado por falhas na simbolização, faz com que a vivência seja apartada do que se pode falar sobre ela. Por essa razão, a fala torna-se incapaz de construir um testemunho sobre si, pois impede a apropriação de vivências que não se constituem experiências. São as palavras que instalam os fatos e nos permitem fazer histórias. Contudo, é certo que também precisamos do espaço para a ausência de sentido, que coloca em curso a busca e o processo nunca finalizado de historicização, já que a palavra dá ordem ao pulsional sem nunca o esgotar (Inglez-Mazzarella, 2021).

O narrador é aquele que tem muito a contar pela sua condição de viajante, que lhe possibilita o contato com o estrangeiro. A experiência é uma espécie de banho de palavras que viabiliza ao narrador e ao ouvinte a troca. Como discurremos anteriormente, a novidade e a apropriação do vivido são incompatíveis, logo, é impossível que o psiquismo se aproprie de algo quando submetido permanentemente ao novo, pois a apropriação demanda tempo e trabalho psíquico.

A conservação do que foi narrado liga o narrador ao ouvinte. A memória funciona na qualidade de faculdade responsável pela apropriação e elaboração da morte, presentificando o objeto ausente e, por isso, se faz fundamental ao trabalho de luto. A memória congrega ideias de passado, presente e futuro, sendo uma atividade de ligação psíquica que articula o antes, o agora e o depois. Nesse sentido, há um vínculo entre

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

memória e esquecimento, sem o qual não podemos experimentar a duração das coisas ou mesmo a mudança delas (Inglez-Mazzarella, 2021).

Narrar supõe contar uma história, apropriar-se de lembranças e personagens e representá-los numa ficção. No contemporâneo, as certezas coletivas foram, aos poucos, substituídas por valores privados. E foi neste cenário que surgiu a narrativa psicanalítica com um novo conceito de experiência, no qual a história privilegia o individual ao comunitário. Neste processo há uma transição da experiência coletiva para a vivência individual (Inglez-Mazzarella, 2021).

Construir uma história implica entrar em contato com a origem sem tamponar todas as lacunas, conectando os rastros e os vestígios da experiência (Inglez-Mazzarella, 2021). Dito de outra forma, a narrativa apartada da experiência subjetiva é inoperante simbolicamente, pois deixa o humano entregue ao pulsional e ao traumático. Já a construção de uma história se constitui como uma tentativa de apropriação do vivido, um esforço que possibilita a experiência e a transmissão.

A narrativa é um instrumento de historicidade que nos permite trabalhar nossas vidas e jogar com o tempo dela, de modo a reconstruir o passado, suportar o presente e embelezar o futuro (Gaulejac, 2009). Podemos pensar em três trabalhos: sobre o passado, a restaurar o fio da memória para encontrar o “tempo perdido”; sobre o presente e a maneira pela qual a história atua em si na atualidade; e o trabalho sobre o futuro, a fim de criar projetos que nos auxiliem a nos situar em relação ao passado.

A transmissão psíquica implica um trabalho de ligação entre aparelhos psíquicos, ou seja, um trabalho intersubjetivo. Ela demanda um espaço para diferenciar o que foi transmitido e recebido com possibilidade de ser transformado, levando em consideração o processo de historicização e temporalização do sujeito e sua apropriação do legado

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

familiar. Inglez-Mazzarella (2021) defende a tese de que o trabalho do psicanalista está em lidar com os vestígios deixados pela experiência, os quais emergem no processo analítico pedindo para serem escutados. Penso que este trabalho vá em direção a uma “luta contra o esquecimento”, como argumentaremos adiante.

Em busca do tempo perdido: Psicanálise e a luta contra o esquecimento

O tempo é o horizonte da existência humana. É passagem, impermanência e inconsistência. A temporalidade fundamenta nossa maneira de ser e existir em comunidade, é algo que nos enlaça ao mesmo tempo em que nos limita, sendo um correlato da castração e uma experiência de nossa impotência mais radical (Flanzer, 2020). Isso nos mostra como a maior fragilidade da vida humana consiste na impossibilidade de modificar o que passou (Giacioia Jr., 2013).

O contemporâneo tem sido caracterizado como um tempo fugaz, acelerado e apressado que coloca em xeque os limites temporais que nos dão consistência subjetiva e nos lembram de nossa vulnerabilidade. Neste ponto, creio que o processo analítico se configura como uma maneira de ritualizar a vida, a inscrever seus acontecimentos num registro simbólico e historicizar os eventos que nos afetam. Ou ainda, uma possibilidade de viver a experiência do tempo presente sem abandonar o laço com a tradição, a memória e o passado. O que a análise possibilita é a passagem do tempo perdido ao tempo encontrado, e é esse reencontro que denota o final da análise. Aqui ficamos diante de um tempo achado, uma temporalidade muito íntima do sujeito dispor de um tempo livre de demandas (Kehl, 2009). Kehl considera que na análise o paciente dispõe de:

(...) um tempo distendido que caberá a ele preencher com sua fala, suas recordações, suas moções de desejo. Um tempo ao qual a alternância constante de

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

presença/ausência – das sessões e do analista – lhe permitirá estabelecer um ritmo particular, um contorno pulsional, uma oscilação suportável ou até prazerosa entre satisfação e falta (2009, p. 297).

Ao falarmos de transmissão, falamos do tempo que se esvai. Granjon (2000) lembra as palavras de Santo Agostinho, para quem a existência possuía três tempos: um presente de coisas passadas (a memória), um presente de coisas presentes (a percepção direta) e um presente de coisas futuras (a espera). Esse presente composto não é distante do inconsciente atemporal freudiano. A organização do presente composto por um sujeito (ou vários) pode sofrer perturbações – e isso tem a ver com a transmissão. Cabe a cada um e também ao grupo a tarefa de construir, organizar e transformar as heranças não elaboradas que se infiltram no presente pela via das repetições anacrônicas impostas pelo inconsciente. Quando essa tarefa se mostra inviável, seja individual ou grupalmente, o trabalho de análise se apresenta como apropriado na tentativa de organizar os três tempos do presente a fim de elaborá-los.

Em Psicanálise nos deparamos constantemente com o tema do tempo, da memória, da rememoração e do esquecimento. Essas questões foram alvo de destaque nas reflexões dos teóricos da Escola de Frankfurt, em sua articulação da psicanálise com questões sociais. Na obra de Theodor Adorno (1963/1995), a memória foi tratada como uma tarefa ética a fim de elaborar questões do passado. Partindo da discussão acerca de Auschwitz, Adorno denunciou o “desejo de esquecer” e de apagar da memória nacional alemã os terríveis acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. É dele a expressão “luta contra o esquecimento”, que fala sobre a necessidade de não nos esquecermos dos horrores do Shoah a fim de não os repetir diante da forte tendência e do desejo de esquecer.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Essa busca em esquecer o passado estaria alinhada ao progresso dos princípios burgueses e seus cálculos, que não deixam espaço para os “restos”. Isso pode ser visto na relação com o tempo da produção industrial e seus ciclos idênticos, os quais dispensam a experiência acumulada (Adorno, 1963/1995). Nesse sentido:

A partir deste relacionamento com o tempo, a memória também adquire um status específico: ela passa a ser considerada como uma mera sobra sem sentido. O que é mesmo que dizer que a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional. Trata-se de um processo análogo à racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial que elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência do ofício. (Adorno, 1963/1995, p. 33)

Para Adorno (1963/1995), a não repetição de Auschwitz dependeria da elaboração do passado, diferente do esquecimento passivo ou da culpabilização estéril. Nesses termos, tudo depende de como o passado será referido no presente. As condições sociais que tornaram o nazismo possível permaneceriam vivas, mesmo que latentes, e o fracasso da elaboração do passado se disfarçaria na tentativa de esquecimento com consequências desastrosas. Deste modo, a possibilidade de repetição do passado ganharia força diante do esquecimento (Casadei, 2010).

Lembrar é o primeiro passo para elaborar; e o esclarecimento sobre o ocorrido faz um contraponto necessário ao esquecimento. Em Adorno (1953/1995), esse caminho passa pela educação enquanto uma materialização cultural da elaboração do passado, uma espécie de “vacina preventiva” contra a barbárie. Em suas palavras, “a exigência que

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De modo que ela precede quaisquer outras” (p. 119).

Ainda na intersecção do tema da memória, esquecimento e experiência, encontramos as ideias de Benjamin sobre a articulação do passado ao presente, algo que o transforma em uma promessa de futuro. O esquecimento, em Benjamin, aparece ligado à impossibilidade de narrar as experiências compartilhadas como desdobramento da sujeição dos indivíduos em relação à técnica que fez a experiência ceder lugar às vivências, como já dito anteriormente (Casadei, 2010). O declínio da narração, portanto, estaria relacionado ao esquecimento da capacidade de intercambiar experiências. O narrador seria aquele que se esforça em conservar o narrado, fundando-o a partir da reminiscência da tradição, que por sua vez, transmite acontecimentos de geração em geração.

Os temas da rememoração e da redenção são inseparáveis na obra de Benjamin, tendo em vista sua preocupação em salvar o passado no presente, transformando-o e fazendo-o assumir uma nova forma, bem como transformando o presente em algo que revela como realização possível de uma promessa que poderia ter se perdido. Desta forma, não bastaria conservar o passado, mas partir dele para uma transformação ativa do presente (Casadei, 2010).

Vemos, nas obras de Adorno e Benjamin, o esquecimento retratado a partir de uma dimensão trágica que possibilita barbáries. Mas de que esquecimento estamos falando? Nietzsche (2015) nos auxilia nessa questão ao contrapor duas formas de esquecimento, um primeiro dito “natural” e necessário à vida; e um segundo, um esquecimento “duvidoso”, uma espécie de “fazer de conta que não sabe” equivalente aos mecanismos de denegação e recalçamento dos quais nos fala Freud (Gagnebin, 2006).

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

É contra esta última modalidade de esquecimento que Adorno propõe um “esclarecimento racional” pelo qual o passado é tornado presente. Lembrar o passado não visa, entretanto, permanecer numa queixa incessante, com vistas à acusação ou recriminação dos “culpados”, pois isso seria poupar-se do esforço doloroso que o esclarecimento do passado implica (Adorno, 1963/1995). Isso leva, em última instância, à permanência no passado em vez da ousadia em se enfrentar o presente (Gagnebin, 2010).

Elaborar o passado consiste, para Freud, na saída da compulsão à repetição, ou seja, da queixa incessante que se baseia na lembrança traumática postulada em *Recordar, repetir e elaborar* (1914/2010). Paul Ricoeur (2007) considera tal trabalho um uso crítico da memória e enaltece os conceitos freudianos de “trabalho de elaboração” e “trabalho de luto”, sendo que enquanto o primeiro permitiria sair da repetição, o segundo possibilitaria uma nova ancoragem na vida ao proporcionar o desligamento do objeto de amor original para que seja viável internalizar algo novo.

Freud (1914/2010) escreveu acerca do fenômeno da lembrança difícil que aparece no sintoma e ocorre para impedir tanto a recordação como o esquecimento. As chamadas “lembranças encobridoras” funcionam como uma defesa comum na análise e representam um ataque à memória, mantendo uma indistinção entre o que não pode ser lembrado, mas que também não pode ser esquecido. Temos, como efeito dessa tensão perpétua, a paralisia e a repetição. O recalco, quando não é esquecido, se repete pela dupla impossibilidade de ser lembrado e esquecido. Isso leva o paciente ao sofrimento e à repetição, não à recordação. A tarefa da análise, portanto, atua na supressão das lacunas do recordado e no vencimento das resistências do recalco.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Nesse sentido, Endo (2013) considera que o impedimento do exercício da memória se deve aos “vazios lacunares que impossibilitam que a experiência seja patrimônio da vida consciente, onde transitam o esquecer e o lembrar” (p. 48). A memória, em Freud, se mostra uma possibilidade a ser inscrita na vida consciente, podendo também ficar aprisionada aos ditames da repetição.

Sendo assim, o trabalho analítico empreende uma luta contra o esquecimento, possibilitando viver melhor o presente e projetar um futuro, o que implica revisitar e re-interpretar o passado não no sentido de sacralizá-lo e cultuá-lo – o que nos manteria na repetição do mesmo – mas antes como trabalho de elaboração e luto em relação ao passado (Gomes, 2010). Nos dizeres de Endo (2013), seria este o horizonte de uma memória feliz na qual é permitido esquecer sem culpa e lembrar com saudade.

Considerações Finais

Neste trabalho, observamos como o cenário contemporâneo dificulta a construção de uma narrativa que sustente simbolicamente os adolescentes que se apresentam mais propensos à dificuldade de historicizar sua vida, bem como de fazer projetos que apontem para um devir. Sabemos que os adolescentes precisam ancorar o pulsional no psíquico e, por essa razão, creio que o processo analítico auxilie nesse processo ao oferecer condições para que o paciente possa realizar o trabalho de simbolização daquilo que lhe foi traumático.

Esse trabalho, como propõe Mezan (2005), possibilita “inquecer” em vez de esquecer, no sentido de incorporar o passado à trama simbólica do presente para nos libertar da eterna repetição que impede o fruir do presente e o porvir. “Inquecer” designa o sujeito que “cai para dentro” de sua lembrança, deixando de se defender de sua ilusória

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

autonomia frente ao esquecido. Assim, só mediante o “inquecimento” do silenciado é que os fantasmas podem encontrar repouso pelo trabalho do luto que os sepulta através de sua circulação da psique.

Um dos desafios que se apresenta na clínica com adolescentes contemporâneos diz respeito à recuperação de formas mais profundas de experiência num tempo acelerado e de profusão de vivências isoladas, o que passa por inventar novas formas narrativas, sejam literárias, artísticas, criativas, entre outras. Tomando o analista como um acolhedor de histórias que busca a abertura de espaços narrativos (Gutfreind, 2009) e o trabalho analítico como uma maneira de ritualizar a vida, simbolizar e se apropriar da herança parental e familiar.

Estando a narrativa atrelada ao trabalho artesanal e não industrial, é preciso respeitar o ritmo singular de cada sujeito e permitir um tempo para contar, isto é, um tempo que possibilita a voz, o gesto e a palavra. Assim, o que estava esquecido pode ser “inquecido”, o que estava solto pode ser articulado numa trama simbólica. O tempo “perdido” pode ser reencontrado, a herança pode ser reformulada e a história recontada de uma outra perspectiva.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Referências

- Adorno, T. W. (1995) O que significa elaborar o passado. In T. W. Adorno, *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra. Trabalho original publicado em 1963.
- Alonso, S. L. (2011). O tempo que passa e o tempo que não passa. In: *Dossiê: Freud, o pensador que entendeu o homem*. Revista Cult (Dossiê: Freud, o pensador que entendeu o homem), 101.
- Benjamin, W. (1994). O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense. Trabalho original publicado em 1936.
- Casadei, E. B. (2010). O papel da memória nas ramificações da cultura em Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 1(11), 1-18. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/134610>.
- Endo, P. (2013). Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. *Revista USP*, 98, 41-50.
- Fères-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2005) Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: T. Fères-Carneiro (Org.), *Família e Casal: Efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro, RJ: EDPUC-Loyola.
- Gagnebin, J-M. (2006). *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- Giacoaia Júnior, O. (2013). *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis-RJ: Vozes.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Gomel, S. (2018). Aula sobre transmissão psíquica geracional. Maringá: Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM). Aula ministrada em 2018.

Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: O. CORREA (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.

Hartmann, I. B., & Schestatsky, S. (2011). Transmissão do psiquismo entre as gerações. *Revista Brasileira de psicoterapia*, 13(2), 92-114.

Inglez-Mazzarella, T. (2006). *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta.

Inglez-Mazzarella, T. (2021). *Histórias recobridoras: quando o vivido não se transforma em experiência*. São Paulo: Blucher.

Kaës, R. (2005). O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura. In: R. Kaës, *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: sobre a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.

Mezan, R. (2005). Esquecer? Não: In-quecer. In: R. Mezan, *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nietzsche, F. W. (2015). *Escritos sobre a história*. São Paulo: Folha de S. Paulo.

Pereira, C. V. G., & Freitas, M. C. A. de. (2020). Transmissão psíquica geracional vinculada com as dimensões de repetição e transformação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 23(1), 103-110.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v3n2.a2>

[v.3, n.2] Jul./Dez. 2022

Trachtenberg, A. R. C. (2017) Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 77-89.